

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS

TIAGO PEDRUZZI

*O TEMPO E O VENTO & CEM ANOS DE SOLIDÃO:*  
SAGAS EM CONTATO

Porto Alegre  
2008

TIAGO PEDRUZZI

*O TEMPO E O VENTO & CEM ANOS DE SOLIDÃO:*  
SAGAS EM CONTATO

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Letras Português e Literatura de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como trabalho de conclusão de curso.

Orientadora:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Gínia Maria Gomes

Porto Alegre  
2008

O homem que cavalga longamente por terrenos selváticos sente o desejo de uma cidade. Finalmente, chega a Isidora, cidade onde os palácios têm escadas em caracol incrustadas de caracóis marinhos, onde se fabricam à perfeição binóculos e violinos, onde quando um estrangeiro está incerto entre duas mulheres sempre encontra uma terceira, onde as brigas de galo se degeneram em lutas sanguinosas entre os apostadores. Ele pensava em todas essas coisas quando desejava uma cidade. Isidora, portanto, é a cidade de seus sonhos: com uma diferença. A cidade sonhada o possuía jovem; em Isidora, chega em idade avançada. Na praça, há o murinho dos velhos que vêem a juventude passar; ele está sentado ao lado deles. Os desejos agora são recordações. Italo Calvino, *As Cidades Invisíveis*.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho coroa a caminhada de cinco anos de graduação, por isso não posso deixar de agradecer às pessoas que participaram direta ou indiretamente desta experiência que foi o curso de Letras. Primeiramente, agradeço à minha família, meu pai Delvino, minha mãe Ana e meu irmão Lucas, que me apoiou sempre nas minhas escolhas e demonstrou que o trabalho é a melhor forma de alcançar nossos objetivos. Agradeço à minha noiva, amor da minha vida, força nos momentos difíceis, exemplo de perseverança e responsabilidade e companheira em todas as minhas conquistas. Agradeço aos amigos que participaram juntos de toda a caminhada, aqueles que já conhecia antes da graduação e todos aqueles que fiz durante estes cinco anos. Agradeço, também, à professora Gínia que me deu a oportunidade de começar uma carreira acadêmica ao me aceitar como seu bolsista voluntário sem ao menos me conhecer, confiando na minha vontade de participar da pesquisa. Por fim, agradeço a Deus pelo dom da vida.

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma análise comparada das obras *O Tempo e o Vento* de Erico Verissimo e *Cem Anos de Solidão* de Gabriel García Márquez, levando em consideração os aspectos históricos, sociológicos e literários com vistas a uma interpretação do contato de ambas, suas semelhanças e diferenças, bem como aspectos da construção do processo de representação urbana. Para isso, faz-se uso da fortuna crítica acerca das produções dos distintos escritores, teóricos dos processos urbanos e historiadores que contemplem questões do processo histórico latino-americano.

Palavras-chave: saga – cidade – histórico – mítico – Erico Verissimo – Gabriel García Márquez

## RESUMEN

Este trabajo tiene por objetivo un análisis comparado de las obras *El Tiempo y el Viento* de Erico Verissimo y *Cien Años de Soledad* de Gabriel García Márquez, considerando aspectos históricos, sociológicos y literarios con enfoque en una interpretación del contacto de ambas, sus similitudes y diferencias, así como aspectos de la construcción del proceso de representación urbana. Para eso, se utiliza la fortuna crítica a respecto de las producciones de los distintos escritores, teóricos de los procesos urbanos e historiadores que contemplan cuestiones del proceso histórico latinoamericano.

Palabras clave: saga – ciudad – histórico – mítico - Erico Verissimo – Gabriel García Márquez

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: NO PRINCÍPIO ERA A PALAVRA... -----	8
2. E A PALAVRA SE FEZ CARNE...-----	11
3. SANTA FÉ, ENTRE O HISTÓRICO E O FICCIONAL -----	18
4. MACONDO, SOMA DE PARTICULAR E UNIVERSAL -----	24
5. CONCLUSÃO -----	33
6. REFERÊNCIAS-----	35

## 1. INTRODUÇÃO: NO PRINCÍPIO ERA A PALAVRA...

Este trabalho começou a esboçar-se a partir da disciplina de Leituras Orientadas II, no ano de dois mil e quatro. Dentre os livros que deveríamos ler para a referida disciplina estava o *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel Garcia Márquez. Um clássico da literatura mundial; sendo assim, poderia ser uma leitura burocrática ou maravilhosa, dependeria do meu ânimo e da provável “qualidade” do livro. Até esta data, o único contato com a literatura de Gabriel García Márquez que eu possuía era com seu primeiro livro, *La Hojarasca* (*A Revoadada*, na tradução para o português). E confesso, nada do que havia lido ali havia me chamado a atenção. Mesmo sem uma primeira leitura prazerosa do trabalho do autor, optei por lê-lo novamente, só que agora a obra era outra e a resposta também foi outra. Tenho a clara certeza que, se não o tivesse lido naquele momento, o leria depois, mas aquela ocasião foi interessante, pois suscitou algumas indagações que mais tarde eu veria confirmadas e me legariam o “gérmen” para um futuro trabalho. Dentre as descobertas feitas naquele momento estavam a semelhança de *Cem Anos de Solidão* com *O Tempo e o Vento*, de Erico Verissimo. Pensei que Gabo poderia ter lido Erico Verissimo em algum momento antes de escrever sua obra-prima, mas descartei a possibilidade, ignorando completamente a dimensão internacional da produção de Erico Verissimo, um dos escritores brasileiros mais conhecidos no exterior no século passado. Ao escantear tal idéia não desprezei, no entanto, a hipótese de que as duas produções poderiam ser cotejadas e eis que algumas semanas após a leitura de *Cem Anos de Solidão* deparo-me com a edição da *Revista Cult*, ano VII número 86, e nesta revista há um dossiê sobre a criação, vida e reflexões acerca do autor de *Incidente em Antares*. Nesta publicação há um trecho do livro *Me Alugo Para Sonhar*, uma oficina de roteiro feita por García Márquez e Doc Comparato com comentários deste último. Ali o responsável



pela adaptação da saga de Erico para a televisão afirma, não só o conhecimento por parte de Gabo da trilogia do escritor sul-rio-grandense, mas também sua importância no processo de elaboração de sua obra prima:

Coño! *O Tempo e o Vento* foi um dos três livros que estudei para escrever *Cem Anos de Solidão*. Verissimo foi genial ao manejar a saga de uma família através dos tempos. É uma pena que tão poucos brasileiros reconheçam isto. (MÁRQUEZ, 1994, p. 12)

O autor colombiano coloca *O Tempo e o Vento* lado a lado com as *Mil e Uma Noites* e a *Bíblia* na gênese de seu livro (BENTANCUR, 2004, p. 60). Estava nessa afirmativa a confirmação e o estímulo para intentar uma comparação entre os dois romances. Esta vontade ficou hibernando por muito tempo e só agora parece tomar corpo e principiar. Tal tarefa é um grande desafio, visto o tamanho da obra-prima de Erico Verissimo tanto em qualidade quanto fisicamente, já que temos aproximadamente 2200 páginas de romance, algo até a época nunca visto na literatura brasileira, e ainda não superado. Na outra ponta o tamanho que desafia não é físico, como acontece com o livro do autor de *Prisioneiro*, mas sim é a magnitude e o alcance mundial que dão a tônica do trabalho que virá.

Esse trabalho não tem o intuito de ser uma comparação final sobre os livros, mas sim um panorama e um paralelo do processo criativo de ambos a partir de suas memórias e declarações e também uma leitura de alguns pontos de contato, ou seja, suas relações intertextuais no sentido que Kristeva dá ao conceito:

Todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla. (KRISTEVA, 1974, p. 62)

Essa noção das relações intertextuais, exposta por Kristeva, distancia a literatura comparada da mera noção de influências e dívidas, que por muito tempo foi criticada, mas que pode ser benéfica, caso não se resuma à exagerada busca por fontes como descreve Remak:

Em muitos estudos de influência deu-se atenção excessiva à localização de fontes, e muito pouca a questões tais como: o que foi mantido e o que foi *rejeitado*, e por quê, e como o material foi absorvido e integrado, e com que sucesso? Conduzidos dessa maneira, os estudos de influência contribuem não apenas para o nosso conhecimento de história literária, como também para nossa compreensão do processo criativo e da obra de arte literária. (REMAK, 1994, p. 176)

Ademais, buscar compreender o processo criativo, as implicações históricas que as sagas expõem e pensar, ainda, o processo de construção das ficções cidades presentes nelas, levando em conta questões históricas, sociológicas e literárias. Além disso, verificar os pontos de contato e divergências delas, considerando as diversas interpretações que a literatura pode receber.

## 2. E A PALAVRA SE FEZ CARNE...

Um primeiro ponto a se observar quando lemos ambos os romances é como eles são classificados: sagas. Sendo saga a palavra utilizada para caracterizar o seu projeto segundo a própria voz de Erico Verissimo: “Minha saga do Rio Grande devia abranger duzentos anos, de 1745 a 1945” (VERISSIMO, 1994, p. 295). O próprio relato de Garcia Márquez a Doc Comparato sobre o seu contato com a obra de Erico a evidencia assim também: “Verissimo foi genial ao manejar a saga de uma família através dos tempos” (MÁRQUEZ, 1994, p. 12). Muitos classificam-nas assim, incluindo os próprios autores, entretanto, não buscam saber o que realmente pode caracterizar uma saga e perdem uma chance de alargar as leituras destas obras. O termo saga que tem como etimologia a palavra da língua islandesa *segja*, que significa contar/narrar, ficou caracterizada, sobretudo nos países nórdicos de origem, como um conjunto de relatos em prosa, longos ou curtos, orais, inicialmente, e escritos posteriormente. Mais modernamente, a palavra saga passou a designar tão somente narrativas familiares, talvez, impulsionada pelo gênero mais comum das sagas nórdicas, as sagas familiares ou sagas dos islandeses (*Islendinga sögur*). Neste formato, o desenrolar genealógico de uma família –o feudo familiar- serve como pano de fundo para o desenvolvimento de histórias de cunho histórico, mítico ou religioso (cf. SCHOLES, 1977, p. 28 -29). Além dessas características, as sagas islandesas, muitas vezes, alcançaram excelência e prestígio, mesmo quando produzidas por autores iletrados, pois estes “tinham condições de realizar, tanto uma história secular como uma ficção realista em prosa com uma influência mínima de livros e escrita” (SCHOLES, 1977. p. 29). Esta definição chega aos dias de hoje ligada a histórias familiares e sucessão de fatos ou relatos. Assim, portanto, temos um manancial de análises evidenciadas, levando em consideração essas características de saga, tanto no sentido de um conjunto de histórias familiares, como em um conjunto de relatos. E, tanto Erico Verissimo quanto Gabriel García Márquez, não deixam de enfatizar que são “con-

tadores de histórias” e frisam esse rótulo a partir das lembranças familiares que servirão de fonte inspiradora para os feudos familiares, cernes das obras aqui comparadas. Vejamos o que fala Gabriel García Márquez nesta conversa com Plínio Apuleyo Mendoza, quando indagado se o livro *Cem Anos de Solidão* seria uma parábola ou alegoria da história da humanidade:

- Não, eu só quis deixar um testemunho poético do mundo da minha infância, que, como você sabe, transcorreu numa casa grande, muito triste, com uma irmã que comia terra e uma avó que adivinhava o futuro, e numerosos parentes de nomes iguais que nunca fizeram muita distinção entre a felicidade e a demência. (MÁRQUEZ, 1982, p. 79)

Também Erico Verissimo apresenta esta perspectiva de contador de histórias:

E assim, depois que compreendi tudo isso, as personagens para o projetado e sonhado romance me foram saindo da memória, como coelhos duma cartola de mágico... Como era que eu não tinha visto antes toda essa riqueza? E que dizer de Nico Velho, Aníbal Lopes, Nestor Verissimo e cem outros varões? Era o meu povo. Era o meu sangue. Eram as minhas vivências, diretas ou indiretas, que por tanto tempo eu renegara. (VERISSIMO, 1994, p. 294)

Erico, mesmo desconhecendo sua influência na produção do autor de *Funerais da Mamãe Grande*, tece alguns comentários a respeito de *Cem Anos de Solidão*:

Vejam também esse extraordinário *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez. É um rosário de estórias, às vezes uma dentro da outra, do princípio ao fim do livro. (VERISSIMO, 1994, p. 36).

Este “rosário de histórias”, principalmente neste caso, histórias de suas famílias, transformadas sob a pena da ficção não depreciam a obra, pois os escritores têm plena consciência do não controle do material ficcional, tais como histórias, personagens, paisagens e cenários. Destes dados concretos, que ficam armazenados no inconsciente, nasce a literatura, como afirma Erico em *Solo de Clarineta*: “Estou convencido de que o inconsciente representa um papel muito importante - mais do que o escritor geralmente quer admitir - na cria-

ção literária” (VERISSIMO, 1994, p. 293) O autor de *Doze Contos Peregrinos*, da mesma forma, ao falar das possíveis leituras que seu romance recebe e que não eram intencionais, confirma o papel do inconsciente como provável produtor destes sentidos, sem deixar também de ironizar a vontade dos críticos de encontrarem em seus textos ‘intenções mais complexas”:

- Os críticos sempre encontram para ele (*o texto de Cem Anos de Solidão*) intenções mais complexas.
- Se existem, devem ser inconscientes. Mas pode ser que os críticos, ao contrário dos romancistas, não encontrem nos livros o que podem, mas sim o que querem. (MÁRQUEZ, 1982, p. 79)

Assim, o processo criativo de um romance muitas vezes é uma das chaves para as leituras posteriores desta obra. Tanto Verissimo quanto Márquez têm suas memórias e opiniões acerca de seus romances amplamente documentadas. O escritor brasileiro escreve *Solo de Clarineta* e deixa *Solo de Clarineta II* por concluir, trabalho realizado pelo crítico e professor Flávio Loureiro Chaves a pedido da família, ademais, deixa uma ampla quantidade de entrevistas concedidas nos últimos anos de sua vida. Já quanto às memórias do autor de *O Amor nos Tempos de Cólera*, diversas são as obras publicadas. Podemos citar apenas duas dentre elas a já citada conversa com Plínio Apuleyo Mendoza, *Cheiro de Goiaba* e *Viver para contá-las*, um livro de memórias. Em ambas as obras, o enredo é escrito em cima de árvores genealógicas, a saga propriamente dita é capaz de descrever a situação da cidade e/ou a situação a que as famílias estão vinculadas. O que afirma Carmen Arnau (1971) a respeito de *Cem Anos de Solidão*, “La casa de los Buendía y Macondo reflejan la prosperidad o miseria de la familia fundadora”. Assim a história da cidade e a história da família estão intrinsecamente ligadas, o mesmo podemos pensar a respeito de Santa Fé e da família Terra-Cambará, os momentos críticos da cidade são perpassados igualmente pela família, desse modo a saga é um artifício valiosíssimo na criação de um mundo completo, onde diversos aspectos da vida humana podem ser contemplados na ficção.

Com o primeiro ponto de contato definido, a saga de uma família, podemos traçar alguns paralelos das duas obras. Um aspecto interessante levantado pelo crítico Donald L. Shaw (2003) acerca de *Cem Anos de Solidão* é que

há alguns críticos que interpretam o romance “primordialmente como uma metáfora de la condición humana”; já outra tendência seria vê-lo “ante todo, como uma exploración de la situación histórica de Latinoamérica”. Esta leitura pode ser alargada para a obra de Erico, visto que, apesar dos diferentes modos de colonização empregados por Portugal e Espanha, a culminação de tais processos nos iguala em certa medida, colocando o Brasil neste panorama. Flávio Loureiro Chaves aponta uma terceira via, aquela onde não se lê o romance apenas pelo viés mítico, nem apenas pelo viés histórico, mas sim como a passagem de um espaço mítico para um espaço histórico: “isto indica que *O Tempo e o Vento* tem o seu ponto de partida na passagem do espaço mítico à duração histórica” (1981, p. 74). Para melhor entendimento dos aspectos míticos devemos considerar o mito como:

[...] relato de um acontecimento ocorrido no tempo primordial, mediante a intervenção de entes sobrenaturais. Em outros termos, mito, consoante Mircea Eliade, é o relato de uma história verdadeira, ocorrida nos tempos dos princípios, *illo tempore*, quando, com a interferência de entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o cosmo, ou tão-somente um fragmento, um monte, uma pedra, uma ilha, uma espécie animal ou vegetal um comportamento humano. Mito é, pois, a narrativa de uma criação: conta-nos de que modo algo, que não era, começou a ser. (BRANDÃO, 1986, p 35-36).

Chaves considera a presença mítica no início da narrativa de Ana Terra, quando as personagens viviam em um isolamento do mundo exterior, presos à terra e seguindo suas determinações e, apesar da ameaça constante dos castelhanos e também da aparente infelicidade de tal situação demonstrada por ela, a ordem é mantida.:

[...] na estância onde Ana vivia com os pais e os dois irmãos, ninguém sabia ler, e mesmo naquele fim de mundo não existia calendário nem relógio. Eles guardavam de memória os dias da semana; viam as horas pela posição do sol; calculavam a passagem dos meses pelas fases da lua; e era o cheiro do ar, o aspecto das árvores e a temperatura que lhes diziam das estações do ano. Ana Terra era capaz de jurar que aquilo acontecera na primavera, porque o vento andava bem doido, empurrando grandes nuvens brancas no céu, os pessegueiros estavam floridos e as árvores que o inverno despira, se enchiam outra vez de brotos verdes.(VERISSIMO, 2006, p.102).

O mesmo clima mítico é encontrado no início de Macondo, depois da fundação feita de modo quase fortuito, pois os exploradores não alcançaram o objetivo inicial, encontrar uma saída para o mar:

[...] sus hombres, com mujeres y niños y animales y toda clase de enseres domésticos, atravesaron la sierra buscando una salida al mar, y al cabo de veintiséis meses desistieron de la empresa y fundaron Macondo para no tener que emprender el camino de regreso (MÁRQUEZ, 2007, p. 19)

Essa cidade vive em completa harmonia em uma espécie de paraíso idílico como vemos no trecho a seguir:

Macondo era entonces una aldea de 20 casas de barro y cañabrava construidas a la orilla de un río de aguas diáfanas que se precipitaban por un lecho de piedras pulidas, blancas y enormes como huevos prehistóricos. El mundo era tan reciente, que muchas cosas carecían de nombre, y para mencionarlas había que señalarlas con el dedo. (MÁRQUEZ, 2007, p. 9)

Este clima paradisíaco mantinha-se inalterado graças à família Buendía, que era uma espécie de modelo e guia para o bom funcionamento da comunidade, tudo tinha uma ordem e até mesmo os animais viviam em perfeita harmonia, a única proibição existente eram os galos de rinha:

Al principio, José Arcadio Buendía era una especie de patriarca juvenil, que daba instrucciones para la siembra y consejos para la crianza de niños y animales, y colaboraba con todos, aun en el trabajo físico, para la buena marcha de la comunidad. Puesto que su casa fue desde el primer momento la mejor de la aldea, las otras fueron arregladas a su imagen y semejanza. Tenía una salita amplia y bien iluminada, un comedor en forma de terraza con flores de colores alegres, dos dormitorios, un patio con un castaño gigantesco, un huerto bien plantado y un corral donde vivían en comunidad pacífica los chivos, los cerdos y las gallinas. Los únicos animales prohibidos no sólo en la casa, sino en todo el poblado, eran los gallos de pelea. (MÁRQUEZ, 2007, p. 17)

Este paraíso terrestre tem sua tranquilidade abalada quando Úrsula deixa o povoado em busca de seu filho, José Arcádio, que teria seguido junto com os ciganos. Ela retorna trazendo, não o filho desaparecido, mas sim novos mo-

radores para o mundo idílico “donde nadie era mayor de treinta años y donde nadie habia muerto” (MÁRQUEZ, 2007, p. 18), onde os animais viviam em “comunidad pacífica” (MÁRQUEZ, 2007, p. 18) no mesmo curral e “tan reciente que muchas cosas carecían de nombre” (MÁRQUEZ, 2007, p. 9), fazendo com que esta sociedade ingresse na história. (cf. LLOSA, 2007, p. XXXII).

De pronto casi cinco meses después de su desaparición, volvió Úrsula, com ropas nuevas de um estilo desconocido em la aldeã [...] Junto a ela “hombres e mujeres como ellos, de cabellos largos y piel parada que hablaban su misma lengua y se lamentaban de los mismos dolores. (MÁRQUEZ, 2007, p. 47)

Da mesma forma que a família Buendía é destituída de sua situação endêmica, a circunstância em que vivia a família Terra integrada à natureza, distante do contato com o mundo exterior, é quebrada com a chegada de um desconhecido, Pedro Missioneiro, que irá desestabilizar as relações familiares (cf. VERISSIMO, 2006, p. 106). O índio ferido e recolhido ao seio do rancho dos Terra é muito diferente de seus anfitriões. Culto, educado, conhecedor de latim e música, acaba conquistando inexplicavelmente àquela gente rude, perdida nos confins do Continente:

Anos depois sempre que pensava nas coisas acontecidas nos dias em que se seguiram à entrada de Pedro naquela casa, Ana Terra nunca chegava a lembrar-se com clareza da maneira como aquele forasteiro conseguira conquistar a confiança de seu pai a ponto de fazer que o velho permitisse sua permanência na estância. (VERISSIMO, 2006, p. 114)

Ana Terra não entende que aquele estranho era útil para aquela família à deriva em um mar de coxilhas, cercada por bandoleiros castelhanos e com muitas tarefas duras a serem cumpridas diariamente. O remanescente da Guerra Guaranítica tenta acercar-se da família, fazendo todo o tipo de tarefas, desde as mais simples até as mais perigosas. Esse gesto na família que dependia apenas do próprio trabalho para a subsistência e assolada pelas pragas que a natureza lhes impunha (cf. VERISSIMO, 2006, p. 148) aproxima o estranho daquele núcleo de pessoas:



Os Terras estavam trabalhando na lavoura quando Pedro se apresentou para ajudá-los... No dia seguinte acordou antes do dia raiar e foi ordenhar as vacas no curral. Ao sair da cama d. Henriqueta encontrou uma vasilha cheia de leite à porta da cabana... Um dia meteu-se no mato e voltou depois de algumas horas trazendo para d. Henriqueta favos de mel de abelha e uma canastra cheia de frutas silvestres (VERISSIMO, 2006, p. 114)

A família Terra sofre com um incidente que altera o “estado das coisas”. Pedro Missioneiro, após conquistar o respeito e até certa admiração por parte dos familiares, acaba por envolver-se com Ana Terra (cf. VERISSIMO, 2006, p. 134). Era o começo da desintegração: Pedro havia desrespeitado os códigos simples e rudes daquele microcosmo e deveria pagar por sua atitude. Assim como ele previra (cf. VERISSIMO, 2006, p. 137), sua punição será a morte, ou seja, será expulso daquele mundo organizado, porém deixará sua semente que dará origem à estirpe dos Terra-Cambará. A realidade cotidiana parece voltar ao normal, apesar do quase desprezo pelo ramo masculino da família quanto à presença de Ana Terra e de seu filho Pedro. No entanto, como nos mitos fundadores, aquela situação não se prolongaria. Temos o fato desencadeador da derrocada final daquele microcosmo campestre. A invasão dos castelhanos (cf. VERISSIMO, 2006, p. 153), sempre tão temida, aconteceria para descortinar a fina aparência de tranqüilidade que aquela família começou a viver. Com todos os homens da casa mortos (cf. VERISSIMO, 2006, p. 157), só restaram as mulheres e as crianças. A tranqüilidade e a harmonia inicial haviam sido completamente destruídas, não restava pedra sobre pedra da antiga morada e aparentemente nenhuma alternativa.

Analisar a proximidade entre o tempo mítico na obra do colombiano e do escritor brasileiro pode ser um bom ponto de partida para uma análise mais profunda da gênese das famílias ali retratadas, bem como das cidades em que elas vivem. Criadas a partir da travessia das personagens, uma presença intertextual que nos remete ao êxodo do povo de Israel e à imagem da terra prometida, começo de uma nova vida. Se a travessia no livro de Márquez se dá ainda no tempo mítico, antes do desajustamento trazido por Úrsula no enalço de sua aventura em busca do filho, antes das alterações que se seguirão com a chegada dos “novos habitantes” à cidade, antes mesmo da fundação de Macondo; no livro de Erico acontece após a dispersão do mundo organizado, regido pelas

leis severas e incontestáveis de Maneco Terra e desestabilizado, primeiro pela chegada de Pedro Missioneiro e finalmente pelo morticínio causado pelos castelhanos. Certamente estes acontecimentos têm grande importância tanto para a obra de Verissimo que no princípio chegou a chamar-se *Caravana*, talvez em uma alusão à viagem de Ana Terra, quanto para *Cem anos de Solidão* onde a empresa de José Arcadio Buendía foi capaz de “arrastar” vários amigos na busca pelo mar. Estas viagens parecem ter um significado único: libertar as personagens dos fantasmas do passado. A nova etapa vivida pelas personagens nestes romances será a construção e a história das cidades em que se desenrolarão a maior parte do enredo. Para melhor leitura cremos ser interessante uma mirada a estas cidades fictícias e seus papéis na tentativa de captar características universais e locais de ambos os escritores.

### **3. SANTA FÉ, ENTRE O HISTÓRICO E O FICCIONAL**

Estudar as cidades que Erico Verissimo criou é compreender algumas particularidades muito importantes de sua obra. Flávio Loureiro Chaves já afirmara uma das características de sua produção quando se referira à cidade de *Incidente em Antares* “Antares é uma cidade microcós mica, um cenário onde se resume simultaneamente a História e a condição humana”. (CHAVES, 1981, p. 114).

Assim como Antares, Santa Fé, a fictícia cidade de *O Tempo e o Vento*, resume também essas duas características. Não é de se estranhar muitas vezes o fato de alguns críticos ignorarem os valores universais das criações de Erico, visto que a leitura predominante de *O Tempo e o Vento* é a de romance histórico, ligado a um tempo pré-determinado e a uma região também demarcada, emanando daí todas as vantagens e prejuízos que uma leitura unidirecional podem acarretar. Mas Flávio Loureiro, sem abandonar a interpretação histórica, lança mão de uma interpretação mais ampla, segundo a qual Erico Verissimo amplia o espectro de sua obra quando:

Seu projeto intelectual atribui ao Continente a função substantiva de um microcosmo onde se lê - na epopéia do gaúcho - o drama do homem de qualquer latitude, assegurando o trânsito do particular para o universal.(CHAVES, 1994. p. 54)

Sendo assim, Santa Fé merece uma análise, pensando sua construção inserida na história brasileira e da América Ibérica bem como seu caráter universal, ressaltado pelas características inerentes ao processo de constituição urbana. A gênese de Santa Fé é a gênese de uma cidade sul-rio-grandense, brasileira, iberoamericana, com as idiossincrasias que estes adjetivos podem carregar, mas também com todas as características universais do processo de formação das cidades.

Um dos primeiros fatores a serem analisadas em *O Continente* é a questão fundacional de Santa Fé e seus antecedentes. Como fato anterior à fundação de Santa Fé temos dois episódios da história sul-rio-grandense muitas vezes ignorado pela historiografia oficial que conta a história do Rio Grande do Sul a partir da ocupação litorânea e açoriana. O primeiro é a presença de um contingente inicial de povoadores no interior do continente, vicentistas e lagunenses ou seus descendentes, que cruzavam o Continente de São Pedro tro-

peando ou preando índios e que fixaram residência nestas planuras sem dono. Um destes, Maneco Terra, é o primeiro galho da família Terra-Cambará no Rio Grande do Sul, que seduzido pelas histórias de seu avô e também de seu pai, Juca Terra, que mesmo sendo possuidor de uma carta de sesmaria morre sem concretizar o sonho de fixar moradia no continente. Resta ao filho a tarefa de viver e povoar as distantes plagas. Outro personagem desta leva de homens que penetraram o continente é o coronel Ricardo Amaral, como podemos verificar na descrição do autor:

... dono dos campos em derredor, senhor de dezenas de léguas de sesmaria e muitos milhares de cabeças de gado, além duma charqueada e de vastas lavouras. Contava-se que o coronel Amaral nascera em Laguna e viera, ainda muito moço, para o Continente com paulistas que negociavam com mulas. Chegou, gostou e ficou. (VERISSIMO, 1985, p. 133)

Tanto Maneco Terra, quanto o coronel Ricardo Amaral são responsáveis pela colonização do continente de São Pedro. Recebem as sesmarias da coroa portuguesa e serão o contingente português frente às ameaças castelhanas. A distribuição de sesmarias foi a forma encontrada pela coroa portuguesa para fixar as fronteiras do império português no Brasil e remontam desde os tempos das capitânicas hereditárias. Com o passar do tempo e com a fracassada experiência das capitânicas por centralizar o controle das terras as sesmarias foram distribuídas para mais pessoas. Para analisar estes fatos devemos fazer uso de referencial teórico a respeito da cidade na Iberoamérica. Como demonstra Romero, a fundação de cidades foi muitas vezes a única maneira de assegurar a posse da terra disputada aos inimigos no caso da coroa portuguesa no continente, Espanha:

Como centro militar y político la ciudad latinoamericana fue muchas veces una institución, esto es, una expresión física de una situación legal y política. El conquistador que había recibido ciertos derechos territoriales por la vía de una capitulación o donación, estaba obligado a tomar posesión de su territorio[...] Para tomar posesión necesitaba producir un hecho y consistió generalmente en la fundación de ciudades. (ROMERO, 2001, p. 54)

A concessão de sesmarias gera um motivo importante na concepção das cidades, o enraizamento do indivíduo a um local. Esse enraizamento permitido, visto que, a sesmaria, muitas vezes, apenas é o documento que oficializava o que acontecia na prática, a posse de um território, será o gérmen da idéia de fundar cidades. A idéia de posse e fixação em um território também é chamada "arraigo". A definição de arraigo que utilizaremos é a apresentada por Enrique del Acebo Ibañez:

Esta fijación del hombre al espacio tiende a darse en forma de arraigo, entendiendo este hecho como un fenómeno geo-socio-cultural [...] Hablaremos de arraigo en tanto fijación, de un individuo o conjunto de individuos, dentro de un espacio, una sociedad y una cultura determinadas (IBAÑEZ, 1993, p. 32)

O pai de Maneco Terra vivia como um andarilho e apesar de possuir família era considerado pelos próximos como um “vaga-mundo” que possuía um “bicho-carpinteiro” e não conseguia ficar parado em um lugar por muito tempo. Ele possuía um fato, as sesmarias, e a vontade para concretizar o enraizamento no continente, no entanto, não conseguiu realizar o sonho de viver nas suas terras. Maneco Terra será o homem que deitará raízes no continente. A questão do arraigo não é uma questão ligada intrinsecamente ao urbano "aunque el arraigo encuentre su más honda expresión en el ámbito urbano, se desarrolla en todas las manifestaciones de la vida social humana" (IBAÑEZ, 1993, p. 27), como afirma Enrique Martin Lopez em esclarecedora introdução ao texto de Ibañez. Este sentimento de enraizamento será o combustível para a permanência da família Terra, mesmo frente a todo tipo de adversidade como podemos notar neste trecho:

A princípio tinham sofrido os castelhanos, que dominaram o Continente por uns bons treze anos e que de tempos em tempos surgiam em bandos, levando por diante o gado alheio, saqueando as casas, matando os continentinos, desrespeitando as mulheres. De quando em quando grupos de índios coroados desciam das bandas da coxilha de Botucaraí e se vinham da direção do rio, atacando as estâncias e os viajantes que encontrassem no caminho. Havia também as "arriadas", partidas de ladrões de gado, homens malvados sem rei nem roque, que não respeitavam a propriedade nem a vida dos estancieiros. (VERISSIMO, 1985, p. 74)

O outro fato narrado por Verissimo e ignorado por alguns historiadores, é a magnitude da obra missionária erigida pelos jesuítas neste lado oriental do Rio Uruguai. Desta cidade fundada sob o signo da religião sai outro galho da família Terra-Cambará: Pedro Missioneiro, que será o pai de Pedro Terra. Ele chegará à fazenda dos Terra e seduzirá Ana, será morto pelo pai e pelos irmãos da moça, mas deixará em seu ventre um filho, que receberá o seu nome. A estância é atacada mais uma vez pelos castelhanos que matam todos os homens, restando vivos apenas as mulheres e as crianças. Elas são encontradas por alguns viajantes que estão se dirigindo às terras do Coronel Ricardo Amaral que está recebendo pessoas com o intuito de formar um povoado. Assim como afirma Romero: la implantación física de las ciudades constituyó un hecho decisivo para la ocupación del territorio americano por los conquistadores europeos". (ROMERO, 2001, p. 57) Será esse povoado o embrião da cidade de Santa Fé. Uma destas concentrações urbanas que se encontram entre os extremos do campo e da cidade como descreve Williams (1989) e que como bem definiu Braudel quando se refere às cidades da América que "crescem antes do campo, ou pelo menos ao mesmo tempo que ele". (cf BRAUDEL apud IBAÑEZ, 1993) O Coronel Ricardo Amaral será o líder natural dessa comunidade tornando-se ele e sua família uma espécie de aristocracia, que foi lugar comum nas cidades da América Latina, como ressalta Romero: "Mineros, ganaderos, plantadores, dueños de ingenios, negreros y grandes comerciantes relacionados con la exportación de productos locales constituyeron rápidamente la aristocracia urbana originaria. (ROMERO,2001, p. 60). Era com esses ares aristocráticos que o Coronel Ricardo Amaral resolvia as situações que se apresentavam no povoado:

Ricardo Amaral chegou um dia montado no seu cavalo alazão, com aperos chapeados de prata, muito teso, de cabeça erguida e um ar de monarca. As largas abas do chapéu sombreavam-lhe parte do rosto. Ficou sob a figueira grande, à frente dos ranchos, e os poucos habitantes do lugar vieram cercá-lo - as mulheres de olhos baixos e os homens de chapéu na mão. Ricardo Amaral não apeou. De cima do cavalo informou-se sobre as colheitas, ouviu as queixas e resolveu duas ou três questões entre os moradores dos ranchos. Naquelas redondezas ele não era apenas o comandante militar, mas também uma espécie de juiz de paz e conselheiro. (VERISSIMO, 1985, p. 136)

Deste modo, a família Amaral reinou durante muito tempo como única lei no povoado de Santa Fé, até o ano de 1850, em que a já vila de Santa Fé é elevada a cabeça de comarca e recebe seu primeiro juiz de direito, o Dr. Nepomuceno Garcia de Mascarenhas. Anterior à chegada do Dr. Nepomuceno, temos a presença de outro cidadão ilustre em Santa Fé, o padre Lara. Por que citar estas duas personagens? Por que elas farão parte daquela parcela de população que Ángel Rama em *A cidade das Letras* chama de cidade letrada e:

Que compunha o anel protetor do poder e o executor de suas ordens: uma plêiade de religiosos, administradores, educadores, profissionais, escritores e múltiplos servidores intelectuais Todos os que manejavam a pena estavam estreitamente associados às funções do poder e compunham o que Georg Friederic viu como um país modelo de funcionalismo e de burocracia. (RAMA, 1985, p. 43)

O Dr. Nepomuceno encarna muitas das funções da cidade letrada, inclusive a de dar uma interpretação por escrito, decodificando os signos dessa cidade. Da sua pena nasce uma pequena história de Santa Fé em forma de almanaque. Ali ele interpreta os signos da cidade e repassa à pequena parcela de população leitora, a sua visão da vila de Santa Fé.

Pudemos observar que Erico Verissimo ao manejar com a História na construção da cidade de Santa Fé vai além da superficialidade e apresenta aspectos muitas vezes negligenciados pelos historiadores, tais como a fixação anterior à imigração açoriana de indivíduos vindos de outras províncias. A fundação de povoados que se desenvolverão junto com o campo e que serão marcos de fixação e defesa do território frente aos inimigos. Além disso, a presença de questões universais quanto ao processo histórico-fundacional das cidades também é verificada na obra, dentre as quais podemos destacar: a questão do enraizamento (arraigo) dos indivíduos como fator gerador de cidades e a decodificação e organização dos signos da cidade pela cidade letrada como teoriza Ángel Rama.

#### **4. MACONDO, SOMA DE PARTICULAR E UNIVERSAL**



Ao analisarmos a cidade de Macondo não podemos deixar de mencionar suas semelhanças a outras cidades fictícias que servem como uma espécie de microcosmo, como Antares, Santa Fé ou Macondo. Segundo Benedetti, Macondo é:

Um pueblo prototípico, tan inexistente como el faulkneriano condado de Yoknapatawpha o la Santa María de Onetti, y sin embargo tan profundamente genuino como uno y otra. (BENEDETTI, 1972, p. 12)

Não só Benedetti, mas também outros estudiosos comparam Macondo ao condado de Yoknapatawpha, pois parece ser ponto comum identificar a influência de Faulkner na escrita de Márquez, apesar do escritor negar essa influência em sua criação e só aceitar as semelhanças de sua Macondo após conhecer a região retratada pelo escritor estadunidense em suas obras, pois assim como a real Aracataca ou a fictícia Macondo todas possuem as marcas de uma grande companhia bananeira. "No entanto, não é essa a característica mais importante de Macondo - parecer-se com Yoknapatawpha -, mas sim o papel que ela assume perante os leitores dos livros do escritor colombiano.". Esta reflexão é afirmada nas palavras de Emmanuel Carballo:

Em novelas y cuentos, García Márquez de tanto insistir y merodear en los mismos temas há dado a las letras hispanoamericanas lo que dio Faulkner a las letras de los Estados Unidos, un mundo novelesco autosuficiente y convincente. Para el lector de lengua española Macondo y un pueblo próximo y menos pequeño cuyo nombre nunca se menciona tienen el mismo interés, la misma prodigiosa diversidad, el mismo impresionante aliento que posee el lector de lengua inglesa el condado de Yoknapatawpha. (CARBALLO, 1972, p. 26)

Este mundo auto-suficiente e convincente não se dá apenas pela repetição e ronda em torno da cidade criada ficcionalmente. Toda a construção de Macondo faz com que a leitura de *Cem Anos de Solidão* aproxime o leitor sentimentalmente da cidade criada pelo escritor. Interessante também lembrarmos de que a mesma cidade de Macondo não é só uma virtual conhecida dos leitores de fala hispânica, a nós brasileiros ela também evoca um mundo conhecido, aquela cidadezinha próxima, muitas vezes relegada ao esquecimento pelas

peessoas da metrópole sem tempo para olharem para o seu passado. Encontramos nos relatos das experiências da primeira viagem de Gabriel García Márquez à Europa, seu reconhecimento da situação de latino-americano frente aos europeus, ou seja, a semelhança que ele possuía com seus vizinhos de continente, semelhança esta que será percebida pelos seus leitores latino-americanos ao se identificarem com Macondo:

Estoy convencido de que si no hubiera estado en Europa en el momento en que estuve, mi concepción de America Latina y, particularmente del Caribe, sería distinta. Europa me enseñó primero, que era latinoamericano, porque cuando fui sólo conocía Colombia. [...] Pero en los cafés de París conocí a los mexicanos, a los guatemaltecos, a los bolivianos, a los brasileños, y me di cuenta que yo pertenecía a ese mundo, que no era solamente colombiano, sino que era latinoamericano. (LEMUS, 1995, p. 271)

Destarte, temos ao mesmo tempo uma cidade localizada geograficamente, em uma região (país e continente) que segue sendo referência para os leitores próximos a sua realidade, pois conhecem todas as demandas que aparecem no romance tais como: infinitas guerras que não causaram transformações estruturais, políticas ou econômicas nos lugares que aconteceram; empresas que se instalam em uma região sob os auspícios de governos que muitas vezes têm boa-fé, mas que pecam por não darem guarida a seus cidadãos frente às injustiças, às espoliações ou desmandos das mesmas; entre tantos outros problemas das cidades latino-americanas e que, além disso, também alberga uma vasta gama de significados múltiplos para todo o leitor alheio a estas características.

Macondo, portanto, reflete uma história universal e mítica e também uma história específica, a história de um continente, país ou região. Ángel Rama nota em García Márquez uma obsessão em

traducir en la literatura lo peculiar y lo architépico de la vida colombiana (latinoamericana), sentirlo de nuevo, em un modo tan real como la realidad misma, mediante las palabras que componen um libro y que resulte viviente así también. (RAMA, 1972, p. 122)

Emmanuel Carballo vê a obra de Gabriel García Márquez como uma resposta perfeita ao dilema presente na produção dos escritores da América Latina do século XX:

Por último, *Cien Años de Soledad* plantea un dilema que los escritores de esta parte del mundo todavía no acaban de resolver: hasta qué punto la novela, y el resto de los géneros literarios, debe reflejar las condiciones objetivas, en este caso el subdesarrollo, o hasta que punto es lícito, pensando que la novelística está em manos de hombres tan capaces como los europeos, ir más allá y dar a los lectores una imagen técnica y estilística acorde con lo que está sucediendo en los laboratorios más avanzados de los países que viven y gozan las ventajas del siglo XX. (CARBALLO, 1972, p. 36)

Carballo demonstra que o escritor colombiano cumpre a tarefa de combinar arte com história e escreve um romance que "es de Aracataca, de Colombia, de América Latina y del mundo" (CARBALLO, 1972, p. 37), um romance universal ou como define Mario Vargas Llosa: "una novela total" (LLOSA, 2007, p. XXV). Vargas Llosa afirma também que a história de Macondo

[...] condensa la historia humana, los estadios por los que atraviesa corresponden, en sus grandes lineamientos, a los de cualquier sociedad, y en sus detalles, a los de cualquier sociedad subdesarrollada, aunque más específicamente a las latinoamericanas. (LLOSA, 2007, p. XXX).

Verificar, pois, algumas características dos processos urbanos presentes na obra do escritor colombiano é uma forma de compreender as opções feitas por ele na tentativa de tecer um texto tão grandioso que resume na história de uma família e de um povoado tanta universalidade e especificidade, alcançando afetivamente ao público ibero-americano e ao restante público por questões universais, ademais, emplacando uma vendagem de 30 milhões de exemplares nos 35 idiomas para os quais foi traduzido.

A primeira questão fundamental de *Cem Anos de Solidão* é a fundação de Macondo. A aproximação do feito fundacional de Macondo com o ciclo das fundações nas Américas não é casual. Toda a construção da história americana teve lastro na fundação de cidades, como nos aponta Enrique Martín López:

El otro fenómeno peculiar es la colonización por España del continente americano. Frente al sistema de los restantes países europeos, consistente en fundar factorías que sirvieran como avanzada de actividades mercantiles, España funda ciudades desde el primer momento – Santo Domingo, em 1496 – y en siglos sucesivos alcanza a fundar varios millares más. (LÓPEZ apud IBÁÑEZ, 1993, p. 16)

O feito fundacional em Macondo se dá pelas mãos da família Buendía e o grupo que a acompanhava, a história da cidade/povoado se confunde com a própria história da família como já havia proposto Márquez em *A revoada (La Hojarasca)*, mas alcançando melhor forma em *Cem Anos de Solidão* como demonstra Llosa:

Esta operación, confundir el destino de una comunidad con el de una familia, aparece en *La Hojarasca* y en <<Los funerales de la Mamá Grande>>, pero solo en *Cien Años de Soledad* alcanza su plena eficacia: aquí sí es evidente que la interdependencia de la historia del pueblo y la de los Buendía es absoluta. Estos sufren, originan o remedian todos los grandes acontecimientos que vive esa sociedad, desde el nacimiento hasta la muerte: su fundación, sus contactos con el mundo (es Úrsula quien descubre la ruta que trae la primera invasión de inmigrantes a Macondo), sus transformaciones urbanas y sociales, sus guerras, sus huelgas, sus matanzas, su ruina. (LLOSA, 2007, p. XXVIII)

A semelhança da travessia dos fundadores de Macondo e a forma como se deu a conquista de territórios pelos conquistadores espanhóis é uma das aproximações possíveis que não podemos deixar escapar em uma leitura detalhada da produção do escritor colombiano. Romero afirma acerca das fundações de cidades na América o seguinte:

El grupo que se instalaba sobre el territorio para tomar posesión de él había llegado a través de caminos desconocidos y había cortado el contacto con la retaguardia. Todos quemaban las naves. (ROMERO, 2001, p. 47)

Assim, como os conquistadores que buscavam cortar os laços com o passado, deixando como única saída a fixação no Novo Mundo, também a família Buendía e o grupo que a acompanhava na expedição em busca do mar

tinham essa preocupação em se desligarem do passado, eliminando tudo o que pudesse fazê-los voltar ao povo de origem:

[...] atravesaron la sierra buscando una salida al mar, y al cabo de veintiséis meses desistieron de la empresa y fundaron a Macondo para no tener que emprender el camino de regreso. (MÁRQUEZ, 2007, p. 19)

No se trazaron un itinerario definido. Solamente procuraban viajar en sentido contrario al camino de Riohacha para no dejar ningun rastro ni encontrar gente conocida. (MÁRQUEZ, 2007, p. 33-34)

Essa alternativa de queimar os barcos, além de estar documentada como prática histórica no tempo dos descobrimentos e conquistas, como já visto acima, ainda faz parte da mitologia acerca das ilhas fantásticas, dentre elas a “Ilha das Sete Cidades”, ilha povoada por sete bispos espanhóis fugidos da invasão muçulmana. Outras aproximações com ilhas paradisíacas e mitológicas serão retomadas adiante.

Além destas características, outras ligam a jornada da família Buendía ao início da colonização americana pelos europeus. As descrições relativas à flora e à fauna de Macondo e arredores lembram muito àquelas feitas pelos conquistadores europeus em solo americano, baseadas em arquétipos, que suprirão o conhecimento de novas terras com conjeturas imaginárias marcando decisivamente a estruturação dos elementos a serem narrados a respeito do desconhecido (cf. ZIEBEL, 2002, p. 34), como podemos notar nos trechos a seguir:

Macondo era entonces una aldea de veinte casas de barro y cañabrava construidas a la orilla de un río de aguas diáfanas que se precipitaban por un lecho de piedras pulidas, blancas y enormes como huevos prehistoricos. El mundo era tan reciente, que muchas cosas carecían de nombre, y para mencionarlas había que señalarlas con el dedo (MÁRQUEZ, 2007, p. 9)

Al sur estaban los pantanos, cubiertos de una eterna nata vegetal, y el vasto universo de la ciénaga grande, que según testimonio de los gitanos carecía de límites. La ciénaga grande se confundía al occidente con una extensión acuática sin horizontes, donde había cetáceos de piel delicada con cabeza y torso

de mujer, que perdían a los navegantes con el hechizo de sus tetas descomunales. (MÁRQUEZ, 2007, p. 9)

A presença de monstros que distraem os viajantes, fauna e flora fantástica, dificuldades intransponíveis não deixa nada a dever aos relatos dos séculos XV, XVI e XVII e dá conta de apresentar o histórico e o mítico na tessitura do texto acerca da saga da família Buendía.

Outrossim, encontramos nas narrações de *Cem Anos de Solidão* uma outra faceta das narrativas de viagem que é a feição insular da terra recém-encontrada, como descreve Ziebel ao falar dos três elementos ligados ao tema paradisíaco na descoberta da América e dos relatos sobre a costa do Brasil (cf ZIEBEL, 2002, p. 34). A questão das ilhas paradisíacas apresentadas nas narrativas de Hesíodo e Homero (*Insulae Fortunatorum*), redefinidas pelos séculos e incorporadas com mais força após as navegações e as descobertas, também é utilizada pelo narrador de *Cem Anos de Solidão*. Macondo assume esse caráter insular na visão de José Arcádio Buendía, pois ao não efetivar a descoberta, ao desconhecer os limites da terra conquistada, frente à impossibilidade de chegar ao mar desenha um mapa e caracteriza o povoado como uma ilha:

La idea de una Macondo peninsular prevaleció durante mucho tiempo, inspirada en el mapa arbitrario que dibujó José Arcadio Buendía al regreso de su expedición. Lo trazó con rabia, exagerando de mala fe las dificultades de comunicación, como para castigarse a sí mismo por la absoluta falta de sentido con que eligió el lugar. (MÁRQUEZ, 2007, p. 22)

Essa perspectiva de uma cidade isolada do resto do mundo, "cujos habitantes vivem em um estado de delícias que a humanidade teria vivido no começo dos tempos na Idade de Ouro" (ZIEBEL, 2002, p. 34) que povoa a mitologia de diversos povos durante a história da humanidade e é tratada pelo autor de *O Amor nos Tempos de Cólera* pode ser um recurso para abarcar o processo mítico, e a imagem da Macondo-ilha cumpre seu papel, ou ainda, retoma toda a história das conquistas e fundações e arquétipos usados para explicar a terra recém descoberta, caracterizando o processo histórico americano.

Depois de quase dois anos de travessia, cansado de tanto buscar uma saída para ao mar e após ter um sonho onde "se levantaba una ciudad ruidosa con casas de paredes de espejo" (MÁRQUEZ, 2007, p. 34), Arcádio Buendía

convence a "sus hombres de que nunca encontrarían el mar. Les ordenó derribar los árboles para hacer un claro junto al río, en el lugar más fresco de la orilla"(MÁRQUEZ, 2007, p. 34) e ali fundam a aldea. Também o processo fundacional de Macondo apresenta paralelos com o processo fundacional das cidades latino-americanas como podemos verificar neste trecho acerca das fundações:

De hecho, la fundación fue casi siempre improvisada, hecha sobre la base de una rápida apreciación de ciertas ventajas inmediatas del lugar geográfico - la costa, la altura, el río - y sobre todo del sitio - el agua, los vientos, los pastos, las leñas-. Pero la ciudad se instaló generalmente sobre territorio mal conocido, sin que existiera experiencia suficiente para prever inconvenientes diversos que luego se presentarían. (ROMERO, 2001, p. 63)

Assim, a improvisada fundação de Macondo nascida do sonho de Arcádio Buendía, que em uma primeira leitura estaria dentro do clima fantástico que permeia toda a obra do escritor de Aracataca, também apresenta características do processo urbano latino-americano. As fundações de cidades na América Latina não tinham o caráter definitivo e muitas vezes elas eram trasladadas a lugares mais bem posicionados geograficamente, no entanto, a cidade continuava sendo a mesma, pois conservava o seu nome como demonstra Romero:

Lo cierto es que, en muchas ciudades, la experiencia aconsejó un cambio de sitio, que a veces fue un cambio de lugar geográfico. El traslado fue un curioso fenómeno, puesto que jurídicamente la ciudad era la misma por el hecho de conservar el nombre y mantenerse dentro de la misma jurisdicción; pero el tiempo diría si la ciudad había de ser o no la misma [...] (ROMERO, 2001, p. 63)

O patriarca da família Buendía também vê a possibilidade de transferir Macondo de lugar quando acredita que estão isolados do resto do mundo. Sua tentativa de mudança é minada pelas artimanhas de sua esposa, Úrsula. Frente a este episódio a única coisa que parece fazer com que os Buendía permaneçam em Macondo é o enraizamento (arraigo) àquele solo. Este apego à terra, está ligado diretamente à população feminina de Macondo, pois são elas, incitadas por Úrsula Buendía que demoverão seus maridos da idéia do trasla-

do. A força feminina pode ser notada neste trecho em que Arcádio demonstra seu desapego ao lugar e Úrsula apresenta a maternidade como motivo para a permanência:

"Puesto que nadie quiere irse, nos iremos solos". Úrsula no se alteró.  
 - No nos iremos -dijo-. Aquí nos quedamos, porque aquí hemos tenido un hijo.  
 - Todavía no tenemos un muerto -dijo él-. Uno no es de ninguna parte mientras no tenga un muerto bajo la tierra.  
 Úrsula replicó, con suave firmeza:  
 - Si es necesario que yo me muera para que se queden aquí, me muero. (MÁRQUEZ, 2007, p. 23)

Úrsula tem a preocupação de construir um lar, visto que, possuem filhos e essa será a razão para que Arcádio desista das idéias de deslocamento da cidade de Macondo ou da própria família. Esta idéia de construção de um lar, de se por limites é questão fundamental do arraigo e motivo de fundação e permanência das cidades, posto que

[...] la ciudad existe porque el hombre se arraiga. El hombre habita y ese habitar tiende a la conformación de un arraigo geo-socio-cultural, el cual adquiere una especificación en el habitar urbano. (IBÁÑEZ, 1993, p.257)

Portanto, a existência de Macondo está intimamente ligada ao familiar, à preservação da vida. O sentimento de arraigo nasce dessa imposição de limites, na tentativa de construir um lar, de morar. (cf. IBÁÑEZ, 1993, p. 258)

Para finalizar nossa análise de alguns aspectos de Macondo não podemos deixar de averiguar a presença da cidade letrada. Macondo vive durante muitos anos sem as formalidades da justiça e da religião até o dia que chega sorrateiramente à cidade Don Apolinar Moscote, "corregidor". Sua chegada é percebida quando ele ordena que "todas las casas se pintaran de azul para celebrar el aniversario de la independencia nacional" (MÁRQUEZ, 2007, p. 70). A pena assume o poder na cidade e se inicialmente Don Apolinar não conseguirá exercer sua influência em Macondo, após alguns reveses e com a ajuda de "seis soldados descalzos y harapientos, armados com escopetas" (MÁRQUEZ, 2007, p. 70) passará a viver na cidade e depois de alguns anos veremos suas leis sendo cumpridas, ademais, veremos a corrupção a que ele sub-



mete o povo de Macondo. Algum tempo depois da chegada do “corregidor” e suas leis mundanas é a vez das leis espirituais tomarem assento no povoado de Macondo. O padre Nicanor Reyna é chamado para officiar o casamento de Aureliano Buendía e Remédios Moscote, “pero se espantó com la aridez de los habitantes de Macondo, que prosperaban em el escándalo, sujetos a la ley natural, sin bautizar a los hijos ni santificar las fiestas” (MÁRQUEZ, 2007, p. 101). A cidade letrada, aquela que é

[...] capaz de conceber como pura especulação, a cidade ideal, projetá-la antes de sua existência, conservá-la além de sua execução material, fazê-la sobreviver inclusive em sua luta com as modificações sensíveis que introduz incessantemente o homem comum. (RAMA, 1985, p. 53)

Os novos habitantes da cidade, criadores e responsáveis pelas leis que a regerão, que lutarão contra os homens comuns em defesa da cidade ideal, serão os responsáveis pela entrada definitiva de Macondo na História, deixando terminantemente para trás toda a perfeição idílica.

## 5. CONCLUSÃO

Pudemos observar que um formato antigo, como a saga familiar, foi um artifício muito útil tanto para Verissimo quanto para García Márquez desenvolverem o enredo de seus romances, principalmente considerando a posição em que ambos se colocam, como contadores de história que simplesmente materializam na literatura aquilo que vivenciaram ou escutaram, ou seja, as situações cotidianas (mesmo aquelas improváveis) e a palavra oral, que pertence ao reino das coisas precárias e inseguras (cf. RAMA, 1985, p. 29).

Constatamos que Erico Verissimo ao manejar com a História na construção da cidade de Santa Fé vai além da superficialidade e apresenta aspectos históricos muitas vezes negligenciados pelos historiadores, tais como a fixação anterior à imigração açoriana, de indivíduos vindos de outras províncias. A fundação de povoados que se desenvolverão concomitantemente ao campo e que serão marcos de fixação e defesa do território frente aos inimigos. Além disso, a presença de questões universais quanto ao processo histórico-fundacional das cidades é verificada na obra do escritor brasileiro, dentre as quais podemos destacar: a questão do enraizamento (arraigo) dos indivíduos como fator gerador de cidades e a decodificação e organização dos signos da cidade pela cidade letrada, forasteiros que chegam e assumem esta classe do ambiente urbano, consoante com o que teoriza Ángel Rama.

Averiguamos a construção por parte de Gabriel García Márquez de uma cidade arquetípica, que concentra aspectos universais (a presença do caráter mítico) e aspectos específicos (problemáticas relativas ao processo histórico ibero-americano), alcançando assim uma empatia ampla do público leitor com o romance e também uma saída formal aos dilemas da produção literária ibero-americana. A questão fundamental que se confunde com o enredo familiar no romance, tem grande importância na história das Américas, será retratada na saga de Gabriel García Márquez, sem olvidar de fixar através da travessia da família Buendía, também o período de desbravamento do território americano pelos conquistadores.

Encontramos também no processo fundacional de Macondo, muitas das histórias fantásticas relatadas nas narrativas de viagem, que a partir do século XV se tornaram gênero fundamental para dar a conhecer as maravilhas dos novos mundos descobertos. O autor ao retomar tópicos das narrativas de viagem se vale, inclusive, dos seus arquétipos mais corriqueiros como a questão das ilhas paradisíacas para integrar Macondo ao cenário americano. Junto ao processo do imaginário agrega questões históricas importantes, como a possibilidade de deslocamento das urbes, caso se descobrisse que o território não era o mais apropriado para a localização do complexo urbano ou se verificasse qualquer problema em relação à cidade. Não deixa de retratar sob a pena da ficção a questão do arraigo, um dos fatores geradores da cidade. Sendo que no

texto ele é retratado como uma força feminina que atua na construção de um lar, de uma morada segura para a criação dos filhos.

E, por fim, encontramos a presença da cidade letrada na fictícia urbe macondina, assim como verificado anteriormente em Santa Fé, congregando todas as suas ordens e funções, bem como sua representação pelos setores burocráticos e religiosos da sociedade. Assim, as semelhanças e a relação entre as cidades ficcionais e as famílias que são apresentadas nos romances servem como artifício fundamental para retratar todas as transformações urbanas e sociais daqueles microcosmos. Portanto, a partir deste trabalho que buscou apresentar alguns pontos de contato entre as produções dos escritores, pudemos entender melhor as trocas literárias de García Márquez com Erico Verissimo, bem como compreender que o sistema literário latino-americano não foi tão fechado quanto a crítica pensou, existindo intercâmbios importantes – como este aqui descrito – entre o mundo de fala lusitana e o mundo de fala castelhana, pondo em diálogo duas obras tão importantes para suas literaturas nacionais.

## 6. REFERÊNCIAS

ARNAU, Carmen. **O mundo mítico de Gabriel García Márquez**. Barcelona, Ediciones de Bolsillo, 1971.

BENEDETTI, Mario. Gabriel García Márquez o la vigília dentro del ensueño. In: **9 Asedios a García Márquez**. Santiago de Chile, Editorial Universitária, 1972.

BENTANCUR, Paulo. Monumento às claras. **Revista Cult**, São Paulo, ano VII n. 86, p.58-60. novembro. 2004.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Petrópolis, Vozes, 1986.

CARBALLO, Emmanuel. Gabriel García Márquez, um gran novelista latinoamericano. In: **9 Asedios a García Márquez**. Santiago de Chile, Editorial Universitária, 1972.

CESAR, Guilhermino. O Romance Social de Erico Verissimo. In: **O Contador de História: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo**. Editora Globo. Porto Alegre, 1972.

CHAVES, Flávio Loureiro. **Erico Verissimo: Realismo e Sociedade**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

\_\_\_\_\_. **Erico Verissimo o escritor e seu tempo**. Editora da Universidade. Porto Alegre, 2001.

\_\_\_\_\_. **Matéria e invenção, Ensaios de literatura**. Editora da Universidade. Porto Alegre, 1994.

IBÁÑEZ, Enrique del Acebo. **Sociología de la Ciudad Occidental** . Editorial Claridad S.A Buenos Aires, 1993.

LEMUS, Silvia. América Latina y Europa son Culturas Irreconciliables. In: **Repertório Crítico Sobre Gabriel García Márquez**. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1995.

LLOSA, Mario Vargas. Gabriel García Márquez, Realidad total, novela total. In: **Cien Años de Soledad**. España. Alfaguara, 2007.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cheiro de Goiaba: Conversas com Plínio Apuleyo Mendoza**, Rio de Janeiro: Editora Record, 1982.

\_\_\_\_\_. **Cien Años de Soledad**. España: Alfaguara, 2007.

\_\_\_\_\_.COMPARATO, Doc. DIEGO, Eliseo Alberto ...[et al.]: tradução de Eric Nepomuceno. **Me Alugo para Sonhar**. Niterói: Casa Jorge Editorial, 1997.

KRISTEVA, Júlia. **Introdução à seminálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

RAMA, Angel. **A cidade das Letras**. Brasiliense. São Paulo, 1985.

\_\_\_\_\_. Um novelista de la violencia americana. In: **9 Asedios a García Márquez**. Santiago de Chile, Editorial Universitária, 1972.

REMAK, Henry H. H. Literatura comparada: definição e função. In: **Literatura comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ROMERO, José Luis. **Latinoamérica: las ciudades y las ideas**. Buenos Aires, Siglo XXI, 2001.

SCHOLES, R.; KELLOG, R. **A natureza da narrativa**. São Paulo MacGraw-Hill: 1977

SHAW, Donald L. **Nueva Narrativa Hispanoamerica Boom Posboom. Posmodernismo**. Madrid, Ediciones Cátedra, 2003.

VERISSIMO, Erico. **O Tempo e o Vento, O Continente I**. Editora Companhia das Letras. São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. **O Tempo e o Vento, O Continente II**. Editora Globo. Rio de Janeiro, 1987.

\_\_\_\_\_. **Solo de Clarineta: memórias**. São Paulo: Globo, 1994.

\_\_\_\_\_. **A Liberdade de Escrever: entrevistas sobre literatura e política**. Porto Alegre: EDUFRGS, EDIPUCRS, Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1997.

ZIEBEL, Zinka. **Terra de Canibais**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2002.